

28-4-946

# Planície fecunda

Encargos profissionais levaram-me, esta semana, à risonha cidade de Beja, ali bem no centro da fecunda planície alentejana. Como acontece a todo o visitante, também eu subi, esmagado pela impunência do panorama, ao cimo do lindíssimo Castelo, donde se abarca, a perder de vista, a planura imensa.

Ao longe, o verde-escuro das searas dá-nos, nitidamente, a nostálgica sensação do mar. Ao perto, a brisa da manhã, aflagando as cristas das searas, ondeia levemente os trigueis, à imagem das ondas do oceano, em dia de bonança.

Perante o espectáculo grandioso que tinha ali a meus pés, saiu-me espontaneamente da alma um cântico de louvor a Deus.

Não há memória, comentaram a meu lado, de um ano assim tão bom: Nem se recordam os nossos lavradores de searas tão prometedoras, como estas!

E eu, que tenho visto tanta fome, e sei quanta vai pelo mundo, senti igualmente a alegria que se reflecte, este ano, no rosto de todo o alentejano. Pão! Pão em abundância, ao menos o pão de cada dia, para tantas crancinhas que morrem à minha guisa dele! Bendito seja o Senhor. Benditas sejam as searas, bendito o sol que as fecunda, bendito o braço do cavador!

Ao regressar ao meu posto à medida que o comboio se entranhava, ufegante, nas palpitantes searas, os meus olhos não se cansaram na contemplação da abundância. As oliveiras, quase abafadas nos trigais, mais pareciam rosas de jardim do que as árvores melancólicas que elas são. Tudo cantava o hino da criação, a esperançosa alvorada dos dias sem fome! Bendita seja a terra! Benditos sejam os que a trabalham!

De vez em quando, porém, uma sombra de amargura me enegrecia a alma. Extensões imensas, por cultivar! De vez em quando, também, largas correntes de água, com espaços enormes de terra sem uma couve, uma batata, um feijão. Terra fecunda, por certo, que um esforço maior poderia transformar em hortas verdejantes que poderiam dar de comer aos famintos ou fornecer trabalho aos que o não têm.

Porquê tudo isto, perguntei a um simpático companheiro de viagem, alentejano de coração e alma. Não poderá aproveitar-se tanta terra abandonada? Não poderá tornar-se mais fecundo ainda o solo alentejano?

Não demorou a resposta: «O que a terra dá é tanto para os que a possuem, que eles não precisam de mais.»

«Eles!»... Mas a Nação? Mas os pobres? Mas os famintos?

E passou-me então pela mente tudo aquilo que tantas vezes aqui temos escrito: a propriedade tem uma função social a desempenhar. Não é bastante que ela dê o que chegue e sobre para fazer viver o seu dono. É preciso que dê tudo quanto pode para enriquecimento colectivo.

A terra alentejana pode ser mais fecunda. Alguns trabalhos de regularização dos cursos de água, sobretudo dos que só no inverno e primavera são leitos de correntes, poderia trazer à produção enormes extensões de terreno, ótimo certamente para culturas hortícolas, e onde se poderiam fixar muitos casais de trabalha-

dores. Outros terrenos que são postos em cultura somente de vez em quando — porque o rendimento dos outros chega para fazer viver em abundância os seus proprietários — poderiam também, com um esforço suplementar de adubação e tratamento, desentranhar-se em pão.

Porque motivo se não há-de fazer esse esforço? Porque razão se há-de continuar no regime de economia puramente individualista, quando as exigências nacionais nos reclamam uma economia social, para mais abundante produção?

A Espanha, no regime de Franco, começa a ver o problema. As Cortes acabam efectivamente de aprovar a lei do maior aproveitamento das terras, indo até à expropriação das mesmas quando o exija o interesse nacional.

Não poderíamos nós seguir-lhe o exemplo, uma vez que parece definitivamente provado que todo o problema se resume em produzir sempre de cada vez mais?

O regime dos «Casais Agrícolas» poderá contribuir em muito para se ir dando uma solução satisfatória a este aflitivo problema. Cremos, porém, que não basta o aproveitamento de baldios, nem dos terrenos valorizados pela Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola. É preciso ir mais longe e abrir o caminho com decisão para que se aproveitem, efectivamente, todos os terrenos aráveis. Não importa que os seus proprietários não precisem de os cultivar para continuarem ricos. Importa que a Nação os cultive para ser menos pobre.

**ABEL VARZIM**